

ADEUS A JOEL RUFINO DOS SANTOS



A FNLIJ registra com profundo pesar o falecimento do escritor, professor e historiador Joel Rufino dos Santos no dia quatro de setembro, devido a complicações de uma cirurgia cardíaca. Amigo e parceiro da Fundação, Joel deixou um premiado trabalho como escritor de livros para crianças e jovens, além da sua extensa atividade como historiador e intelectual em várias áreas. Joel ganhou dois Prêmios Jabuti, diversos Prêmios FNLIJ e foi indicado pela Fundação ao Prêmio Hans Christian Andersen em 2004, 2006 (nas duas edições ficou entre os finalistas) e 2014.

Joel Rufino esteve presente em várias edições do Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens. Em 2014, participou dos Encontros Paralelos, quando conversou com o público sobre seu livro *Quando eu voltei, tive uma surpresa*, da editora Rocco, uma compilação de cartas escritas para seu filho Nelson no período em que esteve preso durante a ditadura. Lendo alguns trechos do livro, Rufino emocionou o público com o relato de um pai que procurava se manter presente na vida do filho. Com a obra, Rufino recebeu o Prêmio FNLIJ 2001 O Melhor Livro para Jovem.

Em fevereiro deste ano, Joel assumiu a direção de comunicação do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Entre os eventos de sucesso que promoveu no local está o julgamento teatralizado de Tiradentes, realizado no dia 21 de abril no antigo Palácio da Justiça, Rio de Janeiro, batizado de *Desenforcamento de Tiradentes*. Na encenação, o alferes foi absolvido por sua participação na Inconfidência Mineira. Um dos últimos projetos de Joel no TJ foi a *Descomemoração da Lei do ventre livre*, uma nova simulação teatral que será realizada no ano que vem.

Joel Rufino era casado com Teresa Garbayo dos Santos, pai de Nelson e Juliana e avô de quatro netos.

Homenagens a Joel

A perda de Joel Rufino teve grande repercussão na mídia e motivou inúmeras homenagens:

Dia 14 de setembro, na Associação Brasileira de Imprensa-ABI, do Movimento em Defesa da Economia Nacional – Modecon;

No teatro Heleny Guariba, em São Paulo, com apresentação de Zezé Mota, exibição de vídeo e leituras em 18 de outubro;

Na UFRJ, dia 23 outubro, foi apresentada mesa redonda com professores, apresentação de músicas, dramatização de histórias e leituras de textos de Joel e de cartas;

No Encontro Nacional do Programa Prazer em Ler, do Instituto C&A, dia 1º de outubro, em Fortaleza;

Na UNIGRANRIO, em 4 novembro;

No dia 11 novembro, na Biblioteca de Irajá, dentro do projeto Paixão de Ler, teve Sarau para Joel Rufino dos Santos;

No Sesc Rio Flamengo, dia 11 de novembro, Joel foi o homenageado do Projeto Ímó, voltado para a cultura afro-brasileira contemporânea.

PÁGINA 6

Mensagem do
DILI/IBBY 2016 será
do Brasil

PÁGINA 7

Lista de Honra IBBY
2016

PÁGINA 7

Prêmio Biblioteca
Nacional 2015

Indicações ao Prêmio Hans Christian Andersen - IBBY

Como candidato indicado pela FNLIJ às edições de 2004, 2006 e 2014 do Prêmio Hans Christian Andersen, Joel Rufino teve em cada ano um dossiê confeccionado pela instituição, acompanhado de dez livros selecionados do autor enviados para os jurados da premiação.

Para homenageá-lo, o *Notícias FNLIJ* reproduz os principais trechos do dossiê enviado em 2014.

Dossiê Joel Rufino dos Santos

Biografia

De origem humilde, Joel Rufino dos Santos era filho de pais pernambucanos, caçula de uma família de quatro filhos, nascido no subúrbio de Cascadura, zona norte do Rio em julho de 1941.

Suas primeiras inspirações literárias foram a Bíblia, as histórias em quadrinhos e a avó materna, excepcional narradora de contos populares. Seu pai, Antônio Rufino, era um operário socialista que lia. Isso terá contribuído para Joel Rufino dos Santos se encaminhar para as ciências sociais, criando uma obra de ficção que reflete sempre um profundo interesse pela história e sociologia de seu país. Ingressou no curso de História, da Faculdade Nacional de Filosofia, em meio à agitação política que seria esmagada pelo golpe militar de 1964. Ainda estudante, publicou em co-autoria (seis autores, sete volumes), a *História Nova do Brasil* – um marco da historiografia brasileira.

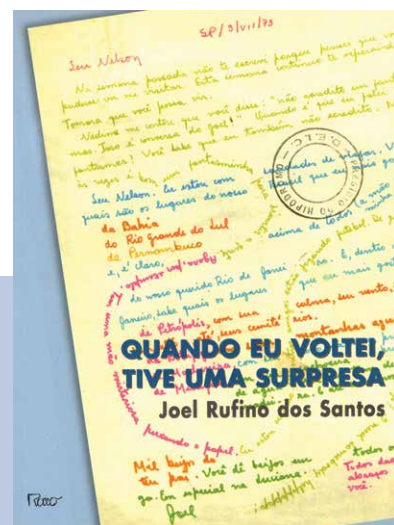
De 1964 a 65, Joel Rufino dos Santos esteve exilado na Bolívia e no Chile. De volta ao Brasil, reiniciou a carreira acadêmica, obtendo Notório Saber e Alta Qualificação em História e doutorando-se em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Recebeu do Ministério das Relações Exteriores, em 1996, a Comenda Rio Branco por serviços prestados, como pensador, ao Brasil. Lecionou Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em 1968, Joel iniciou pela revista *Recreio*, convidado por Ruth Rocha, uma longa e prestigiosa carreira de autor para crianças e jovens. Nos últimos trinta anos publicou dezenas de histórias para crianças e adultos, em livro *solo* (*O caçador de lobisomem*, *Marinho, o marinheiro*, *Uma estranha aventura em Talalai*, *Histórias de Trancoso*, *Gosto de África* etc.) ou em coletâneas e revistas (*Cuentos, leyendas y mitos para niños de América Latina*, *Revista Nova Escola* etc.).

A extensa obra de Joel Rufino dos Santos foi diversas vezes premiada. Selo de Ouro “O Melhor para a Criança” (FNLIJ), Prêmio Jabuti (Câmara Brasileira do Livro), Lista de Honra do IBBY, “O Melhor para o Jovem” (FNLIJ), Prêmio Orígenes Lessa (FNLIJ), tendo sido indicado, em 1999, pela FNLIJ, para compor o Catálogo de Autores Latino-Americanos. Vários de seus livros foram selecionados para a Feira de Bologna e para a Biblioteca Internacional da Juventude de Munique. Diversos de seus textos foram adaptados para teatro e televisão. Em teleducação foi autor de uma série de educação artística e duas de história. Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé estão entre os compositores brasileiros de peso que musicaram suas histórias.

Joel Rufino dos Santos foi preso político de 1972 a 1974. Viviam-se então ditaduras militares na América Latina e milhares de jovens idealistas se organizaram para combatê-las. Da prisão, Joel escrevia cartas ao filho Nelson (então com oito anos), falando do seu cotidiano, dos companheiros e das esperanças de jovem pai afastado do filho. Essas cartas foram reunidas mais tarde em livro – *Quando eu voltei, tive uma surpresa* – constituindo, pelo tema, o estilo e o público alvo, caso único na literatura brasileira. Mereceu da FNLIJ o prêmio Orígenes Lessa, como o melhor livro para jovens, em 2000. Na prisão, Joel Rufino dedicou-se a estudos de cultura popular, especialmente às matrizes ameríndia e afro-brasileira, o que consolidaria as primeiras tendências da sua literatura.

Nos anos oitenta, Joel Rufino ingressa na ONG Instituto de Estudos da Religião (Iser) coordenando o projeto “Quanto Vale uma Criança Negra” – trabalhando com crianças desfavorecidas na produção de textos literários, tornou-se um dos primeiros companheiros da Ashoka Foundation na América do Sul. Na mesma ocasião, integrou a coordenação da famosa escola para



meninos de rua Tia Ciata, em que a invenção literária funcionava como eixo para os conteúdos pedagógicos. Foi também diretor do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, criando um programa de visitas guiadas e teatro para crianças e adolescentes de favelas. Ali idealizou um Museu de Brincar, recolhendo brinquedos populares em vias de desaparecimento.

Com a redemocratização do país, Joel Rufino ocupou diversos cargos públicos. No plano federal, foi presidente da Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, encarregada das políticas públicas para a população negra. Ali, Joel iniciou a titulação de terras de comunidades remanescentes de quilombos. No plano estadual foi membro do Conselho Estadual de Cultura, Subsecretário de Defesa e Promoção das Populações Negras, Superintendente de Cultura, Subsecretário de Justiça e Direitos Humanos e, por fim, diretor de Comunicação Social do Tribunal de Justiça. No internacional, representa o Brasil no Comitê Científico Internacional para o programa Rota do Escravo, da UNESCO. Foi ainda, por vários anos, consultor brasileiro do programa Escolas Associadas, da UNESCO, tendo participado, a este título, de encontros e conferências na África e América Latina. Em Cuba (1996) foi jurado do prêmio literário Casa de las Américas. Na Colômbia (1995), jurado do Prêmio de Literatura Oral Afrocolombiana. Em 1992, a convite da Universidade Lumière (Lyon, França) proferiu curso de extensão sobre a influência da literatura francesa no Brasil.

Joel Rufino dos Santos sempre se manteve fiel ao sentimento e sensibilidade populares. Suas concepções literárias correspondiam ao seu estilo. A linguagem viva, próxima da língua falada, é em si mesma um atrativo para crianças e jovens. Sem cair no pitoresco, era um renomado estilizador da narrativa tradicional brasileira. Dessa forma, constituiu referência nacional para os movimentos de defesa da cultura popular – há, pelo menos, um concurso nacional de contos e um curso pré-vestibular para negros e carentes que se intitulam “Joel Rufino dos Santos”.

Em meio a tantas atividades nas áreas políticas e sociais, Joel sempre teve o cuidado de valorizar e dirigir sua arte às crianças, transmitindo a elas o mesmo encanto que recebeu ao ouvir as histórias contadas por sua avó materna na infância.

Prêmios e indicações

FNLIJ

2008 | Altamente recomendável para o jovem

O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta – Moderna

2000 | Prêmio FNLIJ Jovem

Quando eu voltei, tive uma surpresa – Rocco

1980 | Prêmio FNLIJ - Criança

O curumim que virou gigante – Ática

1980 | Lista de Honra do IBBY – Ano Internacional da Criança

Uma estranha aventura em Talalai – Pioneira, 1979 – Global, 1998.

1979 | Prêmio FNLIJ Jovem

Uma estranha aventura em Talalai – Pioneira. São Paulo: Global.

PRÊMIOS JABUTI

2008 | Melhor livro juvenil, Câmara Brasileira do Livro

O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta - Moderna

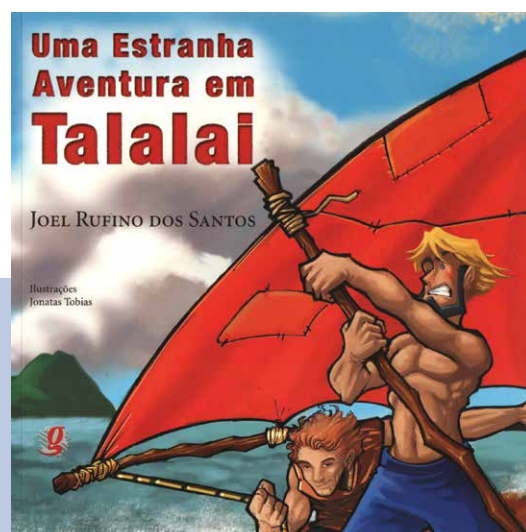
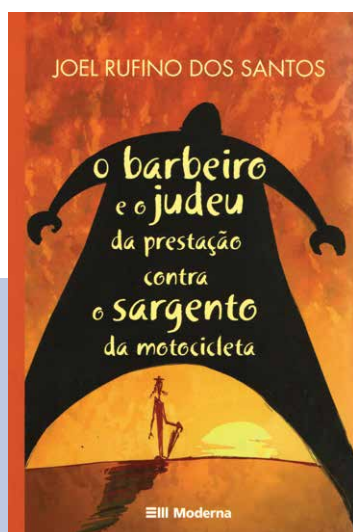
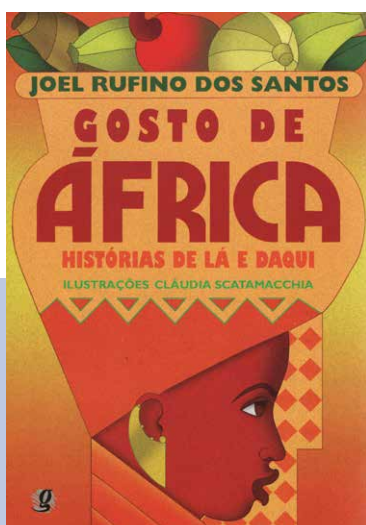
1979 | Literatura Infantil, Câmara Brasileira do Livro

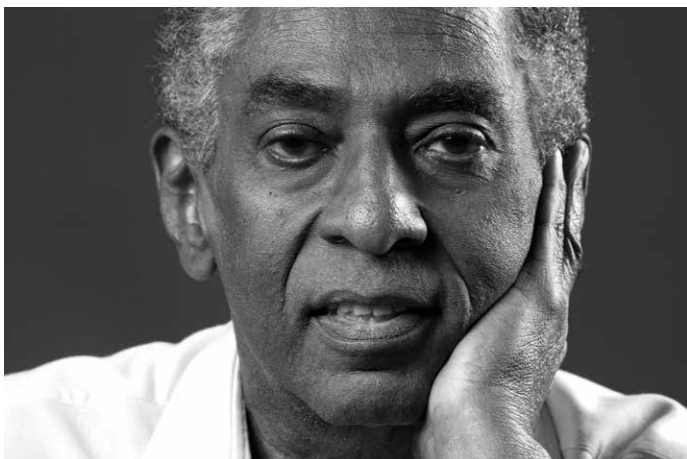
Uma estranha aventura em Talalai - Global.

Outras distinções:

Comenda Rio Branco – pelos altos serviços prestados ao Brasil, como pensador.

Notório Saber e Alta Qualificação em História.





Como me apaixonei por livros

POR JOEL RUFINO DOS SANTOS

A formação do leitor – pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

Nasci em Cascadura, tradicional bairro do Rio de Janeiro. Carroças recolhiam o lixo, puxadas por pobres burros tristes. Meu avô, aposentado do DLU (Departamento de Limpeza Urbana, o dono das carroças) sentava-se na calçada com outro aposentado, chamado Bahia, e sonhava grandezas. Faria uma viagem ao Recife, compraria o terreno ao lado, se tornaria sócio do Botafogo...

Nos colégios em que estudei o primário (hoje 1ª a 5ª série) e o ginásio (de 5ª a 8ª), não havia bibliotecas, nem muito menos sala de leitura. Além das salas e dos pátios havia, é verdade, uma sala sempre fechada: o quarto escuro. Lá, o faltoso ficava uma hora defronte da sua consciência.

Não foi, portanto, na escola que me apaixonei por livros. Onde foi?

Minha avó materna era de origem caeté (ou talvez fulniô ou talvez potiguara, de qualquer jeito indígena). Trabalhou toda vida de cozinheira, veio para o Rio trazida por um ricoço que não queria ficar sem suas mães-bentas e cozidos. Era uma contadora excepcional de histórias, e quando ficou em cadeira de rodas, não podendo mais cozinhar, sentávamos à sua volta para ouvir “O Soldado Verde”, “O que aconteceu com Malasartes”, “O dia em que Lampião entrou em Cajazeiras”.

Primeiro, portanto, fui seduzido por histórias.

Minha família era de religião batista. Pai, mãe, irmãos, tios, avós – todos. Os batistas eram de uma religiosidade singela, discreta e puritana (portanto, algo hipócrita). Aí pelos oito anos tive uma comoção ao descobrir que o pai do

pastor auxiliar não usava meias; me pareceu um pecado sem remissão.

Eu me alfabetizei na Bíblia, depois de aprender a juntar sílabas numa cartilha qualquer. Quer dizer, o que estava na cartilha eram signos; no livro sagrado, textos. Textos fabulosos, fábulas, histórias. Pessoas como minha avó — com sua memória e seu talento de narrar — haviam escrito aquilo. Podia abrir em qualquer página e viajar. A técnica “abrir em qualquer página”, na minha família, serviu também para dar nome aos filhos. Abria-se e com o dedo se procurava o primeiro nome. Meus irmãos se chamam Samuel, Ebenezer, Giré (Sic). Eu seria Isaq, mas minha avó, na última hora, fez um apelo por Joel.

Minha mãe esperava que lendo muito a Bíblia eu me tornasse um bom cristão como ela. Não me tornei. O sagrado, no meu caso, perdeu para o literário.

Mergulhado desde menino na Palavra de Deus, fui seduzido pela primeira e abandonei o segundo. Não lembro com alegria esse fracasso da minha mãe.

Mas devo contar que, naquele tempo, todo ambiente das igrejas (a minha era a batista de Tomás Coelho) era literário. Se recitava poesia (a fama dos declamadores, como, por exemplo, minha irmã, corria a cidade), se montavam peças, toda manhã de domingo as missionárias (com sotaque do meio-oeste americano) contavam histórias para crianças, e, enfim, havia sensationais concursos de versículos (quem sabia mais?), etc.

Um outro tipo de literatura, antagônica à Bíblia, começou, porém, a agir sobre mim.

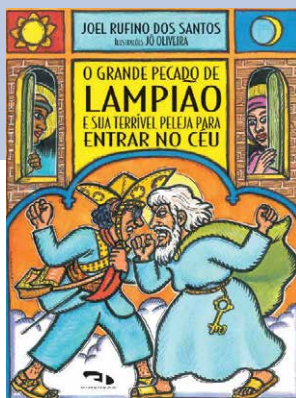
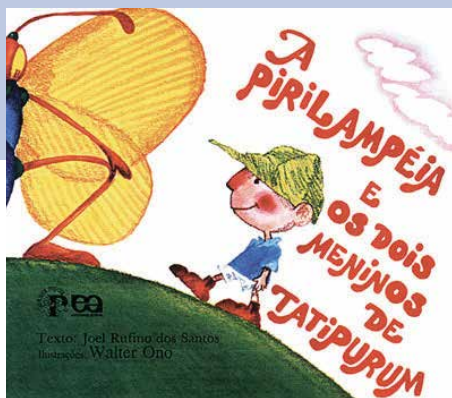
As histórias em quadrinhos, como se

sabe, surgiram na imprensa americana em fins do século passado. Logo chegaram ao Brasil, mas proliferaram, de fato, após a Segunda Guerra. Surgem as bancas de jornal, fascinantes, oferecendo “gibis a mancheias” (e não livros, como queria Rui Barbosa): Capitão Marvel, Flash Gordon, Brucutu, Ferdinando, Capitão América, Tocha Humana, Nioba, a Rainha da Selva... Meu preferido era o Príncipe Submarino, com suas orelhas de peixe.

Minha mãe proibía. Queixava-se das mesmas coisas que muitos pais de hoje com relação à televisão: estimula a violência, o sexo precoce, a superficialidade, o banditismo... Essa proibição foi o segundo fracasso de minha mãe: o gibi ganhou mais um gozo para mim, o do proibido. Eu sonhava ganhar meu primeiro salário na vida para arrematar inteira uma banca de gibi.

Estou aqui tentando mostrar como me apaixonei por livros, especialmente os de ficção. Falei de minha avó, da Bíblia e das histórias em quadrinhos. Ainda falta uma “causa”, que deixei por último. Veio na adolescência, quando as outras três já tinham agido.

Eu entrei no ginásio aos 13 anos. Os donos eram metodistas (a força do protestantismo na minha formação) e praticavam uma pedagogia severa e bondosa. No segundo ano começava o latim. Na primeira aula, professor Matta, rechonchudinho e careca, se dirigiu ao quadro e escreveu o primeiro parágrafo do De Belo Galico, só depois de apresentar o autor — general de antes de Cristo que fundou o império romano, Julius Caesar — começou a traduzir. Não sei por que comecei a me sentir diante de um espelho. Numa



língua desconhecida, há dois mil anos atrás, do outro lado do oceano, um general escrevera algo que eu podia ler, se quisesse. Quem era eu? Um menino pobre, filho de seu Antônio, apanhador de caranguejo nos mangues de Olinda, e dona Felícia, favelada de Casa Amarela. Quem era ele? Julius Caesar.

Se eu quisesse aprender latim e estava em mim querer, Julius Caesar teria escrito

o De Belo Galico para mim. Ao descobrir isso, na aula inaugural do velho professor Matta, senti uma alegria íntima e feroz. Perdoei a meu amigo Julius Caesar todos os crimes que mais tarde estudei na faculdade.

Dos fatores que me tornaram um leitor incurável, este último é o mais difícil de explicar. É bom, porém, que não se explique completamente tudo.



Laura Sandroni lembra Joel

Notícia que entristeceu a todos que conhecem a literatura para crianças e jovens foi a morte de Joel Rufino dos Santos aos 73 anos de idade. Professor de História da UFRJ e autor de “História Nova”, importante contribuição à historiografia brasileira, sua atuação foi marcada por várias prisões e exílio, decorrentes de posições contrárias ao regime militar.

Entre seus diversos livros para crianças e jovens destaco “O caçador de lobisomem” no qual, além de trama muito bem desenvolvida, há todo um lado crítico e engraçado bem explorado pelo autor sem quebra do clima fantástico. Necessário a obras do gênero. “Uma estranha aventura em Talalai” aborda a dificuldade do ser humano em aceitar o novo, o estranho, o desconhecido, devido ao temor de mudanças.

Os temas da história do Brasil também inspiraram ótimos livros de Joel Rufino: “O soldado que não era”, por exemplo, aborda a vida de Maria Quitéria, heroína que combateu nas guerras de independência, na Bahia em 1882 quatro dias de rebelião conta-nos sobre a revolta entre a vacina obrigatória episódio ocorrido em 1904 no Rio de Janeiro quando a população surrou os vacinadores, destruindo bondes e prédios públicos.



Em Zumbi, fala-nos do episódio conhecido como o Quilombo dos Palmares um dos mais importantes e menos estudados da nossa História.

Preso entre 1972 e 1974 escreveu várias cartas a seu filho Nelson, então com 8 anos, publicadas com o título “Quando voltei tive uma surpresa”.

Detentor de três prêmios Jabuti foi indicado pela FNLIJ para o prêmio Hans Christian Andersen.

Apesar de doente mantinha sua vida profissional, seus estudos e seus encontros com amigos.

Por sua vida e obra Joel Rufino dos Santos deixa uma herança de cultura e coragem ligada às suas raízes africanas e exemplo para todos os brasileiros.

Mensagem do DILI/IBBY 2016 será do Brasil para o mundo com Luciana Sandroni e Ziraldo

A FNLIJ, como seção IBBY brasileira, será mais uma vez a responsável pela mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil – DILI de 2016, comemorado no dia 2 de abril, em homenagem ao aniversário do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, considerado o pai internacional da literatura para crianças.

Os autores brasileiros convidados para criar a mensagem e a ilustração do DILI-2016 são Luciana Sandroni e Ziraldo.

A iniciativa do IBBY para promover a data dessa forma teve início em 1967. Para tal, todos os anos desde então, uma seção nacional do IBBY se candidata para elaborar a mensagem, escolhendo um escritor para escrever o texto e um ilustrador para criar a ilustração do pôster. A seção também tem como responsabilidade enviar a mensagem em inglês às 77 seções nacionais de todo o mundo, o que inclui o envio eletrônico do arquivo, além de imprimir os pôsteres e folders e enviá-los pelo correio.

Nos últimos anos, com a facilidade trazida pela internet, os países fazem as traduções para suas diversas línguas, substituindo o texto em inglês e aplicando-o no arquivo enviado, mas a remessa em papel é obrigatória e importante.

Assim, a mensagem de cada ano percorre o mundo levando a cultura dos diferentes povos por meio das histórias e das imagens.

As mensagens têm sempre como objetivo transmitir os ideais do IBBY, que são promover a compreensão internacional por meio de livros infantis e oferecer a crianças e jovens de todos os lugares a oportunidade de ter acesso a livros de qualidade.

Mensagens do DILI feitas pela FNLIJ em outros anos

Esta é a terceira vez que a FNLIJ tem a responsabilidade de criar a mensagem do DILI. Em 1984, com o tema *A troca*, a Fundação indicou Lygia Bojunga para fazer o texto e Angela Lago ficou a cargo da ilustração para o pôster.

No ano de 2003, a mensagem foi *Livros: o mundo numa rede encantada*, com texto de Ana Maria Machado. Para a ilustração, no intuito de privilegiar toda a América Latina, a FNLIJ organizou um concurso de ilustração e o vencedor foi o colombiano Rafael Fabrice Yockteng Benalcázar.

Aguarde o DILI de 2016!

Já é tradição a FNLIJ publicar no número 1 de cada ano, edição de janeiro do Notícias, a ilustração e a mensagem do DILI para que professores e demais profissionais do livro infantil e juvenil se programem para a comemoração do Dia Internacional do Livro Infantil, apresentando a cultura do país que se ofereceu a assumir a data.

A edição de janeiro de 2016 do *Notícias FNLIJ* portanto, trará mais uma vez na capa a mensagem e a ilustração do DILI que percorrerá o mundo, desta vez com a mensagem brasileira. Aguardem!

A FNLIJ também está organizando um evento no Rio de Janeiro para lançar a mensagem em português, que será divulgado em breve, disponibilizando antecipadamente os arquivos para reprodução a fim de mobilizar o maior número de pessoas em torno da data, chamando a atenção para a importância das histórias na vida das crianças. Também será lançado um concurso para os trabalhos desenvolvidos sobre a iniciativa do IBBY para a data e sobre a mensagem escrita por Luciana Sandroni e a ilustração de Ziraldo.

Países que divulgaram a mensagem do DILI anteriormente

Como instituição internacional, o IBBY existe em países de todos os continentes, trabalhando para levar livros de qualidade a todas as crianças e jovens. Apresentamos a lista dos países cujas seções do IBBY foram responsáveis pela mensagem do DILI nos últimos anos.

As mensagens e imagens do DILI criadas por esses países podem ser encontradas nos arquivos em PDF do Notícias no site da FNLIJ.

- 2015 Emirados Árabes
- 2014 Irlanda
- 2013 Estados Unidos
- 2012 México
- 2011 Estônia
- 2010 Espanha
- 2009 Egito
- 2008 Tailândia
- 2007 Nova Zelândia
- 2006 Eslováquia
- 2005 Índia



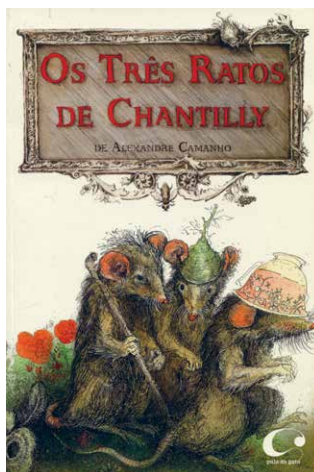
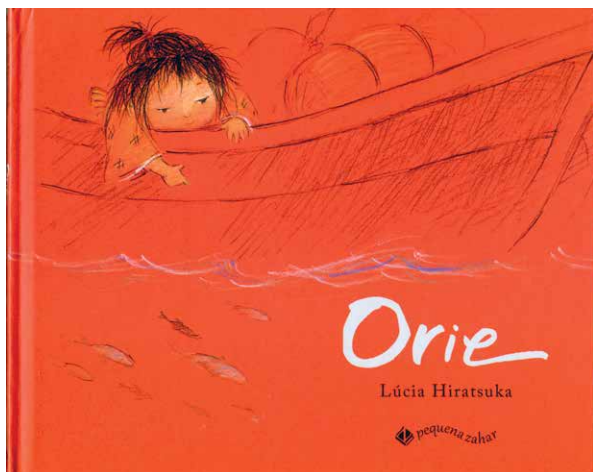
Lista de Honra IBBY 2016

Obras selecionadas pela FNLIJ para o catálogo

A cada dois anos, a FNLIJ, seção IBBY brasileira, nomeia um escritor, um ilustrador e um tradutor para a Lista de Honra do IBBY.

Os autores brasileiros que compõem o catálogo de 2016 são: a escritora Lúcia Hiratsuka, por *Orie*, da editora Zahar; o ilustrador Alexandre Camanho, por *Os três ratos de Chantilly*, da editora Pulo do Gato e Marina Colasanti, como tradutora, por *Stefano*, de Maria Teresa Andruetto, da Global Editora.

Referência no mercado editorial internacional, a Lista de Honra IBBY é um catálogo que apresenta títulos recentemente publicados, homenageando escritores, ilustradores e tradutores selecionados pelas seções nacionais da instituição em todo o mundo. A Lista de Honra IBBY de 2016 será apresentada na Feira de Bolonha, em abril de 2016 e no 35º Congresso do IBBY da Nova Zelândia, em agosto, quando acontece a cerimônia de entrega dos certificados aos integrantes da lista.



Prêmio Biblioteca Nacional 2015

A Fundação Biblioteca Nacional divulgou no dia três de novembro o resultado do Prêmio Biblioteca Nacional 2015. Foram 1103 obras candidatas à premiação, que é dividida em nove categorias: Poesia, Romance, Conto, Ensaio Social, Ensaio Literário, Tradução, Projeto Gráfico, Literatura Juvenil e Literatura Infantil. Cada categoria tem sua comissão julgadora composta por três especialistas, que avalia o melhor da produção literária brasileira no período de maio de 2014 a abril de 2015.

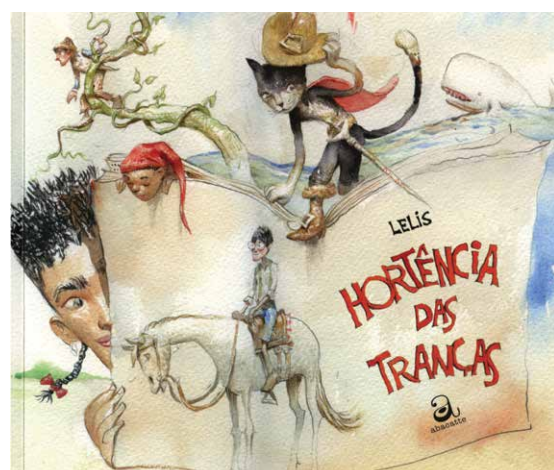
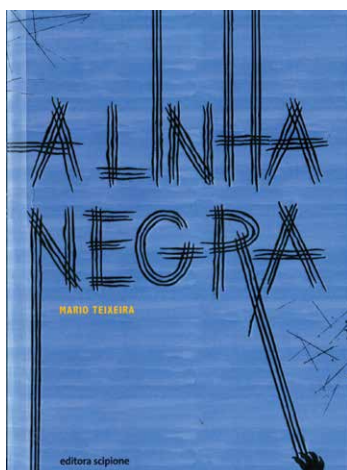
Na categoria Literatura Infantil, o vencedor foi Marcelo Lelis, por *Hortência das tranças*, da Abacate e a comissão julgadora foi formada por Cristiane Salles, Lenice Gomes e Rosa Cuba Riche.

A categoria Literatura Juvenil teve como vencedor Mario Teixeira, com a obra *A linha negra*, da Scipione e a comissão julgadora foi formada por Leonor Werneck, Tânia Piacentini e Vera Aguiar.

Os vencedores das outras categorias foram:

Poesia | João Filho, por *Dimensão necessária*, da Editora Mondrongo;
Romance | Tércia Montenegro, por *Turismo para cegos*, da Editora Companhia das Letras;
Conto | Carol Rodrigues, por *Sem vista para o mar*, da Editora Edith;
Ensaio Literário | Gustavo Bernardo, por

A ficção de Deus, da Editora Annablume;
Ensaio Social | Marcelo Godoy, por *A casa da vovó*, da Editora Alameda;
Tradução | Guilherme Gontijo Flores, por *Elegias de Sexto Propércio*, da Editora Autêntica e
Projeto Gráfico | Frederico Tizzot, por *A mão na pena*, da Arte & Letra Editora.



Lançamento dos Concursos FNLIJ 2016

Já estão abertas as inscrições para os Concursos da FNLIJ de 2016, são eles:

21º Concurso FNLIJ Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil

15º Concurso Leia Comigo

13º Concurso FNLIJ Tamoios de Textos de Escritores Indígenas

13º Concurso FNLIJ Curumim - Leitura de Obras de Escritores Indígenas

Os interessados em participar dos concursos podem conferir os regulamentos no site: www.fnlij.org.br.



SALÃO
FNLIJ
DO LIVRO 18ª EDIÇÃO
PARA CRIANÇAS E JOVENS

PROGRAME-SE!

8 A 19 JUNHO DE 2016

Reservas e informações
visitacaoescolar@fnlij.org.br
21 2215-3408/2262-9130

Centro de Convenções SulAmérica

Av. Paulo de Frontin com Av. Pres. Vargas
Cidade Nova | Rio de Janeiro | RJ

movimento por um Brasil literário
mBrasil*lit*

Accesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais

Eu QUERO MINHA BIBLIOTECA

Accesse www.euquerominhabiblioteca.org.br

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE - iBBY

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofícios Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora Ltda; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; CosacNaify Edições Ltda; Difusão Cultural do Livro Ltda; Doble Informática Ltda; DSOP Educação Financeira Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Canguru; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora GHV Ltda; Editora Globo S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafont Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Elementar Public.e Edit. Ltda - ME; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fund.Cult. Casa Lygia Bojunga; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Gráfica Editora Stamppa Ltda; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghettis Gráfica e Editora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Editora Saraiva; SDS Editora de livros EIRELI; Sesi SP Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Texto Editores Ltda - Leya; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2014-2017** Conselho Curador: Alfredo Gonçalves, Christine Castilho Fontelles, Celia Portella, Laura Sandroni, Leonardo Chianca e Wander Soares; Conselho Diretor: Isis Valéria (Presidente) e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos; Suplentes: Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bernadete Boff, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Sílvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio



Suplemento 49

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA E A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

TEXTO DE

Elizabeth D'Angelo Serra

Luiz Percival Leme

Vanessa de Abreu Camasmie



20 ANOS DO CONCURSO FNLIJ OS MELHORES PROGRAMAS DE INCENTIVO À LEITURA PARA CRIANÇAS E JOVENS | POR ELIZABETH SERRA

Para comemorar a 20ª edição do *Concurso FNLIJ Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura para Crianças e Jovens*, a FNLIJ dedicou um dia sobre o tema durante o 17º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós, ocorrido no 17º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, em junho de 2015.

Ao longo de 19 anos do Concurso a FNLIJ premiou 86 programas. Foram realizados contatos feitos email e por telefone aos responsáveis por esses programas e 71 deles retornaram informando sobre a continuidade dos trabalhos.

A quase totalidade está em plena atividade, demonstrando a persistência e convicção dos que trabalham a favor da formação de leitores em um país que não valoriza como deveria a cultura escrita e, em particular, a literatura para todos.

Sem condições de poder pagar a vinda dos ganhadores, a FNLIJ convidou a todos que tivessem possibilidade de ir ao evento no Rio e assim promover um encontro nacional contribuindo para valorizar e fortalecer os laços desses trabalhadores intelectuais.

A surpresa foi a presença de 16 programas representados por seus responsáveis e algumas vezes por mais de uma pessoa.

Todos eles trouxeram pôsteres sobre os programas que foram expostos durante o seminário. Dentre eles, seis programas foram selecionados para fazer parte da programação do dia apresentando seus trabalhos.

Ao final do dia, foram entregues os certificados aos vencedores

da 20ª edição do Concurso, que também puderam expor seus programas ao público presente.

Considerando o vasto e rico material acumulado ao longo dos anos com os programas vencedores, a FNLIJ pôde promover um estudo sobre eles, intenção sempre acalentada, e partilhar seus resultados com o objetivo de contribuir para melhor compreender como se constituem esses programas, quais suas principais características comuns, entre outros aspectos.

Para coordenar o estudo foi convidado o professor Luiz Percival de Britto, da Universidade Federal do Oeste do Pará e também leitor-votante da FNLIJ. Para pesquisar os documentos foi convidada a professora Vanessa Camasmie, do Colégio Pedro II e doutoranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A parte da manhã do dia dedicada ao concurso, durante o 17º Seminário, foi destinada à apresentação desse primeiro estudo sobre os programas vencedores do Concurso da FNLIJ.

É pois, com enorme satisfação, que publicamos a palestra apresentada, como Suplemento do Notícias da FNLIJ sobre o estudo dos 71 programas de leitura vencedores do Concurso da FNLIJ.

Esperamos, com mais esse trabalho, contribuir para ampliar o debate sobre as iniciativas de formação de leitores por meio de reflexões teóricas sobre as práticas e que tanto teoria e prática possam caminhar juntas consideradas como partes de igual valor no mesmo processo.

Que leitura emerge dos *Melhores Programas de Incentivo à Leitura para Crianças e Jovens?*

UM RETRATO DOS 20 ANOS DO CONCURSO FNLIJ

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, seção brasileira do IBBY, instituição pioneira no Brasil no tema da leitura e na formação de leitores desde a infância, considera a leitura dos livros de qualidade como seu alicerce principal. Criadora do Ciranda de Livros (1982-1985), primeiro programa de distribuição de livros de literatura para escolas públicas do Ensino Fundamental, pôde, com suas ações e intervenções, conhecer e acompanhar inúmeras iniciativas de professores e bibliotecários para proporcionar a crianças e jovens a oportunidade da leitura literária.

Com o objetivo de dar visibilidade as muitas iniciativas na área e inspirados no prêmio do IBBY para programas internacionais de promoção da leitura – Prêmio Asahi Shimbun (nome do jornal japonês parceiro do IBBY), criamos a versão brasileira do prêmio internacional – Concurso os Melhores Programas de Incentivo à Leitura para Crianças e Jovens de todo o Brasil. Além do reconhecimento institucional, a FNLIJ presenteia os programas vencedores com livros de literatura.

A primeira versão do concurso ocorreu em 1994, restrita ao Estado do Rio de Janeiro, com apoio da Secretaria Estadual de Educação. Em 1997, quando fizemos parte da Comissão Coordenadora do Proler, o concurso ganhou dimensão nacional. A parceria Proler/FBN durou até 2002, quando confirmamos que por todos os cantos do país havia programas e projetos de leitura. A partir de 2003, mesmo sem a participação do Proler, demos continuidade ao concurso, mantendo o alcance nacional.

Durante a parceria com o Proler, realizaram-se duas publicações com informações sobre os projetos vencedores nos anos de 1994, 1997, 1998 e 1999, bem como sobre todos os inscritos, organizados por região do país. Era nossa intenção enviar essas publicações para governos e empresários, a fim de divulgar as experiências e angariar apoios para manutenção dos programas e incentivá-los a criar programas próprios. Porém, por falta de recursos, a distribuição ficou restrita à rede do Proler e da FNLIJ. À época não era fácil o envio de publicações por meio eletrônico.

A partir de 2003, quando deixamos a coordenação do Proler, continuamos com o concurso, tendo o apoio da Petrobras de 2005 a 2012?. Nos anos seguintes, mesmo sem apoio institucional, o concurso se manteve vivo dentro das possibilidades da FNLIJ.

Ao final de 2014, às vésperas de realizar a 20ª edição do concurso, retomamos a ideia de estudo sobre o material acumulado, acreditando que uma radiografia dos projetos vencedores, buscando identidades e problemas, comuns e diferentes, e identificando a fundamentação teórica sobre a qual os programas são criados e desenvolvidos, tem muito a contribuir com a promoção da leitura no país.

Para tal, seria necessário escolher alguém que partilhasse da

visão da FNLIJ sobre o que é leitura e o que é literatura, além de aceitar o trabalho independente da remuneração, pelo menos em um primeiro momento. A pessoa que reunia esses dois pontos era o professor Luiz Percival Leme Britto, que, além de vasta experiência no campo da Leitura e Literatura e de sua reflexão expressa em publicações, é votante da FNLIJ. Assim, em nossa ida à Santarém para participar do 4º Seminário Lelit de literatura infantil e escola, do qual a FNLIJ é apoiadora desde a primeira edição, fizemos a proposta que professor de pronto aceitou.

O segundo passo foi encontrar uma pesquisadora na área residente no Rio de Janeiro que desse conta da leitura e análise do material. Por indicação de Maria Beatriz Serra, convidamos Vanessa Camasmie, doutoranda em Educação na UFRJ, que aceitou, entusiasmada, a tarefa. A FNLIJ enviou a ela, no final de 2014, os 71 projetos, possibilitando que se debruçasse sobre o material entre dezembro daquele ano e janeiro de 2015.

Três estudos antecederam o atual. Em 2000, o Minc, por meio da Secretaria do Livro e da Leitura, providenciou um Levantamento Quantitativo dos programas inscritos; em 2001, o Proale – Programa de Alfabetização e Leitura, da Faculdade de Educação da UFF, realizou Relatório Analítico do III Concurso; e, em 2002, o GPELL, do Ceale/Faculdade de Educação da UFMG, produziu relatório sobre o 4º Concurso. Importante ressaltar que os documentos produzidos por esses estudos não eram do conhecimento dos pesquisadores, tendo sido resgatados somente em setembro deste ano, quando organizávamos outros documentos.

Em seguida, estabelecemos um calendário para a vinda do professor Luiz Percival ao Rio a fim de orientar o estudo. Foram três encontros muito produtivos, em que prevaleceu a integração entre a prática e a teoria, e de que nos beneficiamos para pensar a continuidade do concurso. O olhar experiente do professor, com o foco na demanda solicitada, deu origem a uma síntese inovadora dos perfis dos projetos, a que chamou linhas de força.

O primeiro resultado do estudo foi apresentado no 17º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós, realizado no Rio, durante o 17º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, como parte das comemorações da 20ª edição do Concurso da FNLIJ para Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura para Crianças e Jovens de todo o Brasil. O exame de um conjunto expressivo de programas brasileiros de promoção da leitura revela a variedade das suas tendências culturais, educacionais, sociais e econômicas e as razões de suas existências e perspectivas de trabalho.

Fiéis ao objetivo da FNLIJ de contribuir com a formação de leitores no país, publicamos no Notícias o texto apresentado no Seminário. O estudo iniciado com esse relatório deve ter continuidade, investigando as questões levantadas e aprofundando o

estudo das linhas de força que os informam, visando compreender suas implicações na formação de leitores, no sentido para entendermos cada vez mais o que é ser leitor.

Este trabalho tem como objetivo apresentar um retrato, ainda que parcial, dos 20 anos do concurso “Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura para Crianças e Jovens”, realizado pela Fundação há 20 anos (1994 – atual), por meio da análise dos programas que, neste período, receberam o 1º, 2º e 3º lugar, menção honrosa ou o prêmio hours concurs.

Nestes 20 anos do concurso, descontando as repetições, houve 80 programas vencedores. Destes, 71 foram considerados. Na análise, foram observados os seguintes aspectos: tipo de responsável pelo programa, distribuição dos programas por estados e regiões, detalhamento das informações do acervo, natureza dos programas, concepções de biblioteca e linhas de força de promoção da leitura.

Além desses aspectos, haveria outros que precisariam ser considerados, como os fatores motivadores dos programas, sua duração, o público que assistem, a composição e a formação da equipe, as atividades principais, sua contribuição do programa para a comunidade, bem como os fatores que dificultaram ou favoreceram a permanência e o desenvolvimento das ações e do próprio programa (espaço, acervo, materiais, divulgação, disponibilidade de tempo da equipe, grau de comprometimento da equipe e do mantenedor financeiro, formação do professor como leitor de literatura). Esses fatores não foram analisados e, por isso, neste trabalho, apresenta-se apenas um retrato parcial dos 20 anos do Concurso “Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura para Crianças e Jovens”.

O gráfico 1 trata do tipo de responsável pelo programa, se é uma pessoa física ou institucional e se se vincula à iniciativa pública ou privada.

A análise indica que a maioria dos programas vencedores desse concurso (42 programas, correspondendo a 59,15% do total) vincula-se a instituição pública. Dependem fortemente de ações do Estado. Vinte programas (28,16%) se realizam por instituição privada. Nesses dois casos, é relevante saber se o programa depende do indivíduo na instituição ou da instituição mesma, que atribui a um indivíduo a responsabilidade de coordenação e desenvolvimento do programa. No que se refere às instituições privadas, vale chamar a atenção para os tipos de instituições (ONGs, OSCIPs,

os, empresa). Há instituições privadas de natureza comercial com fins lucrativos e instituições privadas do terceiro setor. Sete programas (9,85%) estão sob a responsabilidade de uma pessoa física. E somente dois estão ligados a uma instituição pública e a uma instituição privada.

Quem faz a promoção da leitura? Há as secretarias de cultura, as pessoas (militantes, voluntárias) que trabalham em uma instituição pública, em associações ou, até, que atuam individualmente. Há ainda as empresas que promovem a leitura como compromisso social por meio de suas organizações.

Qual é o grau de mobilização social pela leitura? O gráfico 1 aponta que o responsável por um programa de leitura primeiro é da ordem do Estado; segundo, da ordem da empresa e terceiro, da ordem da sociedade, o que indica que a sociedade, representada pela pessoa física, tem pouco espaço.

E o que este gráfico 1 aponta para o futuro? Devemos avançar sobre como promovem a leitura nestes três tipos de ordem (Estado, empresa, sociedade). Há financiamentos, ações e legislação do Estado e financiamento de empresa. É importante distinguir quem se responsabiliza pelo o quê e qual é o grau de independência e maturidade dos programas. Cabe também avançar a compreensão do que entende por “público”, se se trata de secretaria municipal de educação, secretaria de cultura, escola, biblioteca...

O gráfico 2 informa sobre a distribuição dos programas pelos estados. Os estados com o maior número de programas são, nessa ordem, Rio de Janeiro, com 17 e Minas Gerais, com 10.

O gráfico 3 mostra como os programas estão distribuídos pelas regiões do Brasil. Mais uma vez, a região sudeste concentra o maior número de programas. Como já informado, os estados com maior número de programas são Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. São Paulo apresenta a peculiaridade de ter dois programas que, apesar de sediados neste estado, incluem em suas ações outros estados, como o programa Biblioteca Viva, que abrange São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia. O programa, desenvolvido pela Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, atinge creches, centros de juventude e abrigos, que recebem livros de literatura infantil e juvenil. Já o programa Viva e Deixe Viver, que abrange São Paulo, Pernambuco, Bahia, Ceará, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Paraná, recebe investimento de empresas privadas e conta com o apoio de

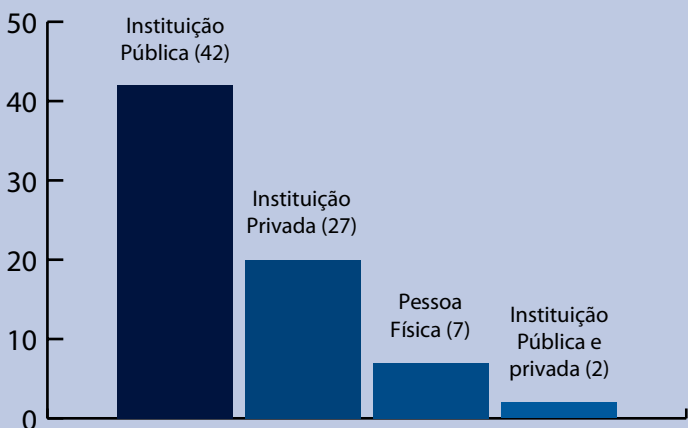


Gráfico 1 – Responsável pelo programa

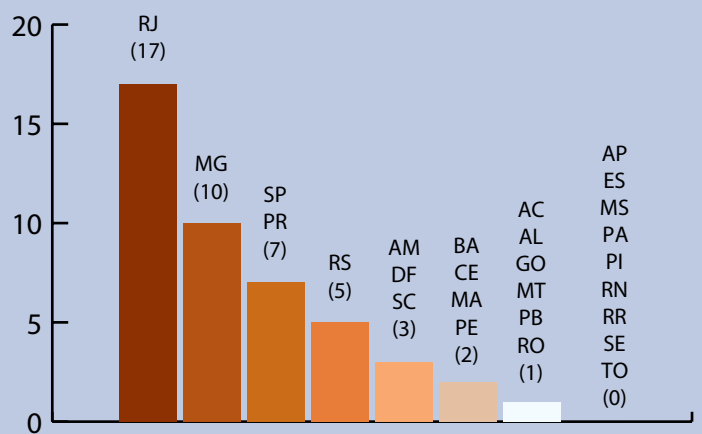


Gráfico 2 – Programas por estado

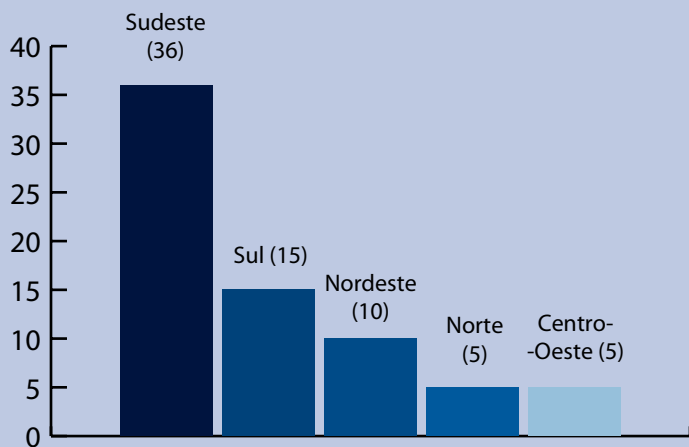


Gráfico 3 – Programas por região

comunicação de uma editora; sua equipe é majoritariamente formada por voluntários que contam história a crianças e adolescentes hospitalizados.

Há estados que não contam com programas vencedores, como Espírito Santo, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, Amapá, Pará, Roraima, Tocantins e Mato Grosso do Sul. A região sudeste concentra os programas vencedores (50,7%) e as regiões centro-oeste e norte são as que apresentam a menor representatividade, cada uma com cinco programas (7,04%). Contudo, todas as regiões do Brasil estão representadas. Na análise desses gráficos cabe observar os estados ricos e a dificuldade da comunicação. A maior incidência de projetos no Rio pode ter relação com a sede da Fundação. Observou-se ainda que poucos projetos buscam ter maior abrangência.

No gráfico 4, os programas foram categorizados de quatro maneiras: dispõe de acervo e traz informações detalhadas sobre ele, dispõe de acervo e traz informações genéricas sobre ele, não pressupõe acervo e apresenta informações de utilização de materiais de leitura.

É importante ressaltar o que estamos chamando de acervo: conjunto de obras classificadas e organizadas para determinado fim (consulta e empréstimo). A grande maioria dos programas (70,42%) informa que dispõe de acervo, mas nem todos trazem detalhes sobre ele. É compreensível que o número seja expressivo, pois o concurso solicita que o proponente informe sobre o acervo, ainda que, às vezes, de modo genérico.

Exemplo de programa que informa de modo detalhado sobre seu acervo é o *Agente de Leitura*. Ele traz uma tabela informando o título do livro e o seu respectivo autor. Dezoito programas (25,35%) trazem informações genéricas sobre o acervo. Como exemplo, temos o programa *Leitura na Calçada*, que afirma que seu “acervo é constituído basicamente de literatura. Na área da literatura infantil e juvenil são mais de quinhentos títulos”; já o programa *Luz e Autor em Braille* apenas observa que “a responsável pela Biblioteca Braille (...) começou a contatar escritores do DF para transcrever seus textos em Braille e enriquecer o acervo da Biblioteca (...); a Biblioteca possui um acervo de quase 2.000 livros (técnicos, didáticos, romances...)”.

Um programa – *Leitor do Futuro* – limita-se a oferecer informações gerais de materiais de leitura: o “material básico para o desenvolvimento da proposta é o jornal que chega semanalmente”;

1 Apresenta informações de utilização de materiais de leitura

2 Não pressupõe acervo

10 Dispõe de acervo e traz informações genéricas sobre ele

50 Dispõe de acervo e traz informações detalhadas sobre ele

Gráfico 4 – Acervo: o detalhamento das informações

destaca ainda que, a partir de campanhas específicas, vinte instituições abriram “salas de leitura” e iniciaram projetos de leitura para crianças e jovens. Há a distribuição de revistas: “10.000 exemplares da revista *Alfabeto Escolar* [foram distribuídos] para as escolas da rede pública”.

Dois programas (2,81%) não pressupõem acervo. Um deles é o programa *Adote um Escritor*, da Câmara Rio-Grandense do Livro (2010), que “prevê a realização de encontros com autores de Literatura [e] (...) viabiliza financeiramente a realização dos encontros”; os responsáveis observam que “não há como listar títulos que já foram lidos e trabalhados pelas escolas, pois, depois da definição do autor, a própria escola escolhe os livros que comprará para a realização da leitura prévia ao encontro”.

Os gráficos a seguir tratam de questões mais densas acerca dos programas.

Uma questão que chama a atenção é como cada programa se qualifica. Embora o concurso trate de “programas”, pois se intitula Os melhores programas de incentivo à leitura para crianças e jovens, há trabalhos que não se reconhecem como tais, e sim como “projetos”, “experiências”, “clubes culturais”. Essa é uma questão importante porque, de certa forma, determina a dimensão e a identidade do programa. Em diálogo com essa questão, foi produzido no gráfico 5.

Lendo os documentos entregues pelos programas ao concurso, foram encontradas sete categorias, a saber:

Difusão da literatura/conhecimento – programas realizam atividades com a literatura em diferentes espaços; sua preocupação é compartilhar repertórios literários;

Leitura na escola com o protagonismo da biblioteca – os programas acontecem dentro da escola colocando a biblioteca num lugar de destaque;

Leitura na escola sem o protagonismo da biblioteca – programas que acontecem na escola, geralmente, nas salas de aula, com pouco ou nenhum vínculo com a biblioteca.

Atendimento a público específico – programas que têm a preocupação de atender um público desfavorecido socioeconomicamente, em situação de vulnerabilidade social, em contexto hospitalar etc;

Formação de formador de leitor – programas com o objetivo maior de formar o formador de leitores (professor, voluntário ou alguém importante na comunidade local);

Constituição ou distribuição de acervo – programas que se preocupam com constituir acervo ou com distribuí-lo;

Organização de eventos – programas que focam em organizar eventos ligados à leitura (geralmente, não pressupõem acervo).

O gráfico 5 mostra que quase há equilíbrio entre programas que têm como natureza a difusão da literatura/conhecimento, a leitura na escola com o protagonismo da biblioteca e sem o protagonismo da biblioteca. A maior parte dos programas difunde a literatura e o conhecimento fora da escola; em menor número, há programas que tem como natureza a leitura na escola com o protagonismo da biblioteca e, finalmente, aparecem os programas que promovem a leitura na escola sem o protagonismo da biblioteca. Interessante notar o protagonismo dela. Observa-se que, dentro da escola, não é consenso o seu protagonismo.

Na categoria difusão da literatura/conhecimento, incluem-se 17 programas (23,94%). Como exemplo, há o projeto *Roedores de Livros*, cujas “atividades acontecem no shopping Popular da Ceilândia, cidade com altos índices de risco social, localizada no entorno de Brasília”; o programa dispõe de uma “biblioteca (BIBLIOTCA) com um acervo com cerca de 1400 livros infanto-juvenis catalogados, além de informativos e literatura para adultos, conseguidos por meio de doações. No local, ocorre o empréstimo de livros para as crianças atendidas nos finais de semana”.

Na categoria leitura na escola com o protagonismo da biblioteca, encontram-se 16 programas (22,53%), dentre os quais está o *Primeiras Leituras*, que afirma que “não se trata apenas de vir à biblioteca para ver livros, ler e fazer empréstimos de materiais mas um programa formal de visitas, integrado ao currículo escolar, com objetivos definidos e atividades específicas desenvolvidos por uma bibliotecária.”

Já na categoria Leitura na escola sem o protagonismo da biblioteca, registram-se 14 programas (19,71%), entre os quais está o *Livro Aberto: Assim Aprendemos Mais*, desenvolvido em uma escola pequena, com apenas cinco salas de aula, muito próximas umas às outras e bastante barulho. A escola não é climatizada, nem tem espaço para recreação; tampouco dispõe de sala dos professores e biblioteca com acervo variado, necessária para ajudar os estudantes a desenvolver o hábito de ler e o interesse pelos livros. Por isso tudo, o trabalho de estímulo para a leitura tinha de ser feito em sala de aula mesmo. Às vezes, a biblioteca ainda não existe na escola ou está em condições ruins. Outras vezes,

existe com bibliotecário e tudo, mas nada acontece lá. E ninguém se incomoda do espaço estar daquele jeito ou sendo subutilizado daquela maneira. Assim, é importante refletir sobre algumas questões: Que relação tem o professor com a biblioteca escolar? Como está a biblioteca da escola que você, leitor, trabalha ou estuda? Como fazer um programa de leitura na escola que não tem a biblioteca como protagonista?

A outra categoria é o atendimento a público específico. nove programas (12,67%) se incluem nessa categoria. É o caso de *Leitura na Calçada*, “um projeto que nasceu espontaneamente nas ruas de Pompeu, em 1992, com o objetivo de incentivar e democratizar a leitura entre crianças carentes de 0 a 14 anos”.

Há ainda oito programas (11,26%) que formam formadores de leitores. Dentre eles, destaca-se o *Proale*, vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e que “vem direcionando seus esforços no sentido de ampliar sua intervenção na formação e atualização de professores do Estado e dos Municípios do Rio de Janeiro.”

Quatro programas (5,63%) tratam da constituição/distribuição de acervo. É o caso do *Leia e Passe Adiante*, que, “a partir de 2001, se reestruturou, redimensionou sua linha de ação através de novos apoios e aliados” e, entre os três pontos de bases de sustentação, está o “fortalecimento dos aliados conquistados e busca de novos espaços na comunidade, no âmbito empresarial, governamental, educacional, social, etc., capazes de compartilhar a meta de ampliação/renovação de acervo, participando da essência da filosofia do projeto, implícita no seu título.”

Por fim, três programas (4,22%) tem como natureza a organização de eventos. O *Livro na Praça* representa bem essa categoria: “vem sendo realizado sempre nos fins de semana (sábados e domingos) desenvolvendo um conjunto de atividades de animação cultural, priorizando a leitura literária e sua integração com outras linguagens”.

O gráfico 6 trata das concepções de biblioteca encontradas nos programas. É importante reiterar que, nesse momento da pesquisa, analisou-se somente o material escrito entregue à Fundação. Portanto, há informações que nem sempre estão presentes nos textos dos programas vencedores. A preocupação foi analisar qual concepção era predominante.

Como se pode observar neste gráfico, 32 programas (45,07%) não informam sua concepção de biblioteca. Como exemplo, o

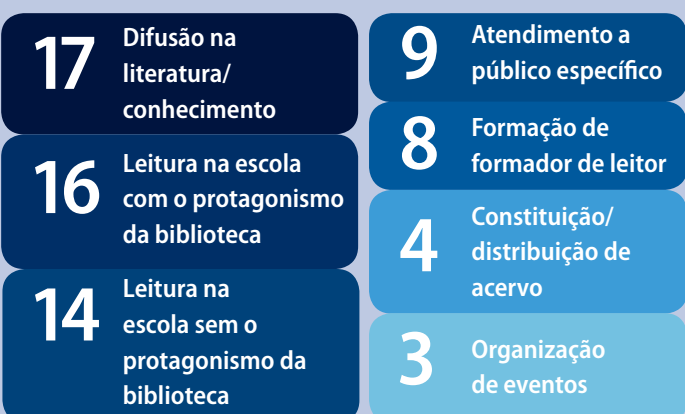


Gráfico 5 – Natureza do programa

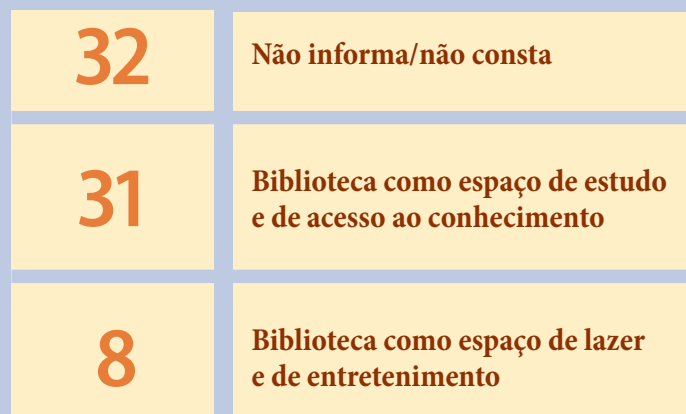


Gráfico 6 – Concepções de biblioteca

Programa Expedição, que intenta promover o acesso ao livro e à leitura em comunidades rurais da região da Amazônia Legal Brasileira visando criar e fortalecer bibliotecas comunitárias, formar mediadores de leitura, estimular a gestão comunitária de bibliotecas e valorizar histórias locais, apenas cita a biblioteca, sem nenhuma reflexão sobre como ela se faz e que valores incorpora.

31 programas (43,66%) compreendem a Biblioteca como espaço de estudo e de acesso ao conhecimento. O programa *Academia Estudantil de Letras – AEL* envolve “funcionário, pais, alunos e professores do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de São Paulo”. Os alunos escolhem um autor da literatura para representar, fazem pesquisas, realizam seminários e assistem a palestras. O programa, que entende a biblioteca como espaço de estudo e de acesso ao conhecimento, tem como um de seus resultados a “procura acentuada (...) pelas salas de leitura e laboratórios de informática das unidades escolares (...) para retirada de livros e realização de pesquisas”.

Por fim, oito programas (11,26%) compreendem a biblioteca como espaço de lazer e de entretenimento. É o caso do *Leia Maripá*, que percebe a biblioteca como “local de referência na busca de informação, onde podem participar, expor ideias, e, acima de tudo, divertir-se, [de modo que] as crianças e os adolescentes vêm à biblioteca em busca de conhecimento, mas sem a obrigatoriedade da aprendizagem, e sim pelo prazer de aprender, que é a forma mais proveitosa”.

O concurso da FNLIJ não exige que se explicita a concepção de biblioteca. No entanto, vale refletir: por que será que a maioria não informa sua concepção de biblioteca? Será que este conceito ainda precisa ser mais discutido? Afinal de contas, este é um concurso com vinte anos de existência. Como nosso país concebia a biblioteca nos anos de 1990? E hoje? Que mudanças aconteceram?

Uma questão central é entender os movimentos de base, as motivações originais de cada programa, ao que neste estudo se denominou de linhas de força de promoção da leitura, entendida como as diferentes formas de compreensão e de ação que conduzem suas finalidades. Elas informam, por assim dizer, as percepções de leitura, de subjetividade, de identidade que sustentam os programas. Nelas, o conceito de conhecimento e de verdade jogam e fazem acontecer uma ação; se aproximam, se afastam, coexistem, tensionam-se, divergem, suportam-se, impõem-se umas

às outras. Para a presente pesquisa, identificam-se seis linhas de força, as quais podem ser subdivididas ou agrupadas conforme a perspectiva de análise.

No quadro 1, pode-se ver a dinâmica das linhas de força. Para cada uma delas, há uma síntese retirada dos textos dos programas vencedores do Concurso.

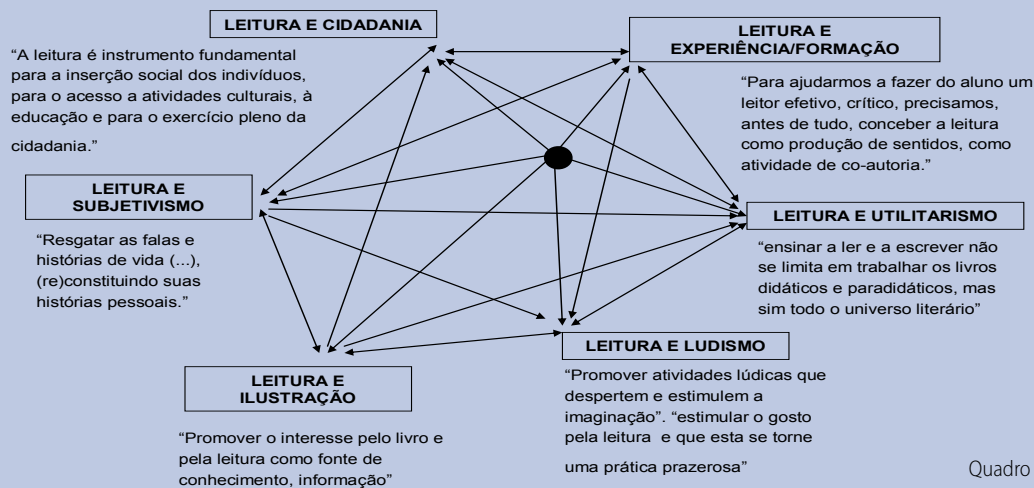
Leitura e ludismo: Aprender pelo criar. O prazer, a satisfação, a realização é, nesta linha de força, a dimensão essencial da leitura. Isso implica a indústria cultural e o lazer ligeiro, uma vez que a “leitura lúdica” tem a tendência de ligar-se ao já estabelecido. O lúdico está aqui na perspectiva do prazer, do entretenimento, do lazer – a experiência se faz pelo perder-se no prazer. Nesse caso, o lúdico se manifesta como busca de satisfação, prevalecendo a hipótese de que o prazer, mesmo que ligeiro, forma. Contudo, nesta linha de força, pode-se encontrar o lúdico como processo constitutivo do ser humano, ligado ao jogo, à fabulação.

A linha de força Leitura e Ludismo tem relação com promover atividades lúdicas que despertem e estimulem a imaginação ou com estimular o gosto pela leitura e que esta se torne uma prática prazerosa. O prazer e o lazer podem aparecer como pano de fundo.

Leitura e experiência/formação: considera a formação do leitor crítico, a leitura como produção de sentidos e a experiência com processo de autoconhecimento, de formação e de vivências significativas. Assim, a leitura manifesta-se como atividade de fruição do objeto estético. Larossa (2002, p.24) oferece uma boa síntese dessa linha de força:

Experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Leitura e cidadania: promover leitura é promover cidadania. Há a ideia de ação civilizatória, de um bem edificante em



Quadro 1 – Linhas de força da promoção de leitura

66	Leitura e ludismo
57	Leitura e experiência/formação
41	Leitura e cidadania
28	Leitura e ilustração
24	Leitura e subjetividade
12	Leitura e utilitarismo

Gráfico 7 – Linhas de força da promoção de leitura

si, abrangendo aspectos como promoção de valores (dignidade, autonomia) e a reparação, recuperação. Cidadania pode ser vista como processo civilizatório, de afirmação de direitos, de valores melhores da convivência (solidariedade, respeito etc.). Outra perspectiva de cidadania é a da dimensão humana, da consciência da vida em sociedade, da afirmação do ser social no seu direito humano. “A leitura é instrumento fundamental para a inserção social dos indivíduos, para o acesso a atividades culturais, à educação e para o exercício pleno da cidadania.” Esse trecho, retirado de um dos programas, sintetiza o que essa linha de força quer dizer.

Leitura e ilustração: tem como aspecto central a ideia de que o conhecimento se acessa pela leitura. A leitura é veículo de ilustração, erudição. Ser culto, bem formado, ilustrado. Cidadão ilustrado é cidadão leitor. A leitura é voluntária, gratuita, prazerosa (o faz sentir-se pertencendo à cultura), leitura é intensiva. O leitor ilustrado lê literatura e as obras do espírito (filosofia, psicologia etc.), atualiza-se, instrui-se (jornal/revista/obras da informação). Leitura e ilustração tem relação com “promover o interesse pelo livro e pela leitura como fonte de conhecimento, informação”.

Leitura e subjetivismo: considera a afirmação da subjetividade e da individualidade como marca da vida moderna. A subjetividade assim afirmada implica a ideia do sujeito protagonista do seu processo de aprendizagem. Cada um é cada um, cada leitor tem uma trajetória, e a leitura é instrumento de afirmação singular. A literatura ganha peso nos programas por conta da inflação da subjetividade que marca a história recente dos últimos 50 anos. Há uma mistificação do literário e, muitas vezes, os programas de leitura se perdem em suas finalidades devido a ela: “Quero que você seja alguém pela leitura.”

Leitura e utilitarismo reforça a preocupação com o letramento e a alfabetização úteis para as coisas práticas da vida, para trabalho e para a sociabilidade. Está, deste modo, submetidas à ordem da eficiência, da compensação e do ensinar para fazer, sustentando a ação pela ordem prática.”

A leitura dos 71 programas, permitiu a construção do gráfico 7, relativo à manifestação das linhas de força nos programas. O gráfico revela o predomínio da linha de força Leitura e Ludismo: 92,95% dos programas operam nessa perspectiva. Em 57 programas (80,28%), verifica-se a presença da linha de força Leitura e

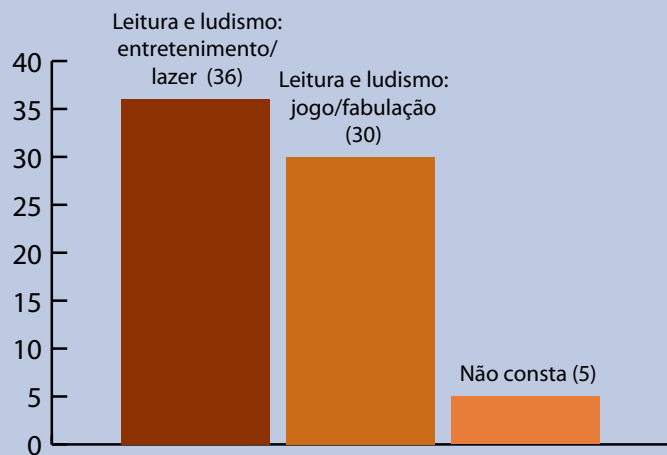


Gráfico 8 – Leitura e ludismo

Experiência / Formação e em 41 programas (57,74%) encontra-se a linha de força Leitura e Cidadania.

As demais linhas de força aparecem em menor incidência. Vale ressaltar que a elaboração desses gráficos se limitou ao que se informava no texto entregue pelo programa à Fundação. A identificação, por exemplo, da linha de força Leitura e Experiência / Formação apenas pela leitura do texto não permite afirmar se e com que intensidade o programa incorpora esta perspectiva; ele pode apenas pretender fazê-lo e, na prática, apresentar outra dimensão. Portanto, o que se compartilha neste trabalho são constatações estabelecidas a partir da análise dos textos entregues à ENLIJ.

Como exemplo, para a linha de força Leitura e Ludismo, há o programa *Ler é da Hora!*, realizado na Escola Estadual Ephigênia Cardoso Machado Fortunato (Bariri, SP), atendendo alunos do Ensino Fundamental II. As atividades incluem rodas de leitura, projetos de leitura e saraus, tendo como “foco principal incentivar a leitura”, levar os participantes a “descobrir o prazer da leitura”. Tal programa representa um grupo de trabalhos que operam com essa linha de força na perspectiva do lúdico como entretenimento, lazer. Contudo, há programas que trabalham na perspectiva do lúdico como jogo, fabulação.

A fim de conhecer melhor os programas, foi construído o gráfico 8, intitulado Leitura e Ludismo. Nele, pode ser visto quantos programas estão trabalhando com essa linha de força e sob quais perspectivas do termo lúdico. Desde a primeira leitura dos programas, observou-se que havia dois conceitos de lúdico em disputa e que a linha de força Leitura e Ludismo tem presença marcante em 66 dos 71 programas analisados.

Somente em cinco programas, a linha de força Leitura e ludismo não está presente. Em 71 programas, é consenso que o trabalho de leitura deve operar com a linha de força leitura e ludismo, ainda que se manifestem concepções de lúdico em disputa: jogo/fabulação x entretenimento, lazer. O gráfico mostra que a maioria dos programas (50,70%) opera com Leitura e ludismo na perspectiva do lúdico como prazer, entretenimento, lazer dos programas; já 42,25% (30 programas) parecem trabalhar com esta linha de força na perspectiva do lúdico como jogo, fabulação.

O Programa *Ler é da Hora!* foi citado como exemplo da linha de força Leitura e Ludismo na perspectiva do entretenimento;

**Que leitura emerge dos
Melhores Programas de
Incentivo à Leitura para Crianças
e Jovens? – Um retrato dos 20
anos do Concurso FNLIJ**

**Elizabeth D'Angelo Serra, Luiz
Percival Leme e Vanessa de
Abreu Camasmie.**

Elizabeth Serra – Formada em
Pedagogia. Trabalha, desde 1987
na Fundação Nacional do Livro
Infantil e Juvenil – FNLIJ, seção
brasileira do IBBY. É secretária
geral da instituição desde 1989.

Luiz Percival – Trabalha com
leitura e formação há trinta anos.
Doutor em Letras, é professor da
Universidade Federal do Pará,
onde coordena o LELIT – Grupo
de formação e intervenção
em literatura Infantil e escola.
Atualmente, é votante do prêmio
de literatura infantil e juvenil da
FNLIJ e membro do Movimento
por um Brasil Literário.

**Vanessa de Abreu
Camasmie** – Doutoranda do
programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade
Federal do Rio de Janeiro. Mestre
em Educação pela Universidade
Federal Fluminense e graduada
em Pedagogia pela Universidade
do Estado do Rio de Janeiro.
Atualmente, é professora do
Colégio Pedro II.

destaca-se agora outro programa como exemplo do lúdico como jogo/fabulação: o *Projeto Academia Estudantil de Letras – AEL*, que atende alunos e professores do Ensino Fundamental, gestores, funcionários e pais de alunos da rede municipal de ensino de São Paulo. Os alunos escolhem um autor da literatura para representar na “Academia”, pesquisam, realizam seminários, participam de palestras com escritores, frequentam aulas de literatura e de teatro fora do horário regular da escola. “A Academia Estudantil de Letras configura-se em um espaço de leitura, que explora a função humanizadora da literatura, sensibilizando, provocando reflexões, elevando a autoestima e favorecendo o exercício do protagonismo infanto-juvenil e adulto.”

Para a linha de força Leitura e experiência/formação, toma-se de exemplo o programa *Para Gostar de Ler*, que funciona na Escola Comunitária Izaura Eduardo Barreira, em Quixadá (CE), atendendo professores e alunos do Ensino Fundamental I, Educação Infantil e Educação de Jovens e Adultos. Segundo o programa, “a leitura permite uma maior compreensão dos fatos, da história, da vida, com papel de auxiliar de maneira fundamental na formação do indivíduo, além de ampliar seus horizontes e perspectivas; (...) [o programa] tem por objetivo estimular o hábito da leitura entre os professores e alunos, visando contribuir na formação de uma consciência crítica”. Nessa linha de força, a expressão “formar um leitor crítico” é recorrente. Numa análise aprofundada, caberia investigar se o programa apenas pretende formar o leitor crítico ou se realmente trabalha nessa direção.

Para a linha de força Leitura e cidadania, está o programa Biblioteca *Livro em Roda*, que funciona nos municípios do Conde e Assunção (PB). Atende crianças, adolescentes e professores do meio rural em escolas e creches. Sua principal atividade consiste em oferecer acesso semanal a livros de literatura: “Tem como objetivo principal contribuir com a formação de cidadãos críticos e atuantes para uma sociedade justa e democrática incentivando e promovendo a leitura, a escrita e a vivência comunitária”.

O conjunto dos oito gráficos oferece uma amostra, ainda que parcial, do que os programas vencedores do Concurso compreendem como formação de um leitor. Assim, pode-se concluir que:

- a) os programas dependem fortemente das ações do Estado;
- b) o Rio de Janeiro e a região sudeste concentram o maior número de programas;
- c) a maioria dos programas dispõe de acervo e traz informações detalhadas sobre ele;
- d) há três tipos de programas que predominam: programas que difundem a literatura e o conhecimento, programas que acontecem nas escolas com o protagonismo da biblioteca e sem o protagonismo dela;
- e) a maioria dos programas ou não informa sua concepção de biblioteca ou a biblioteca não consta no programa;
- f) os programas operam com até seis linhas de força da promoção da leitura, principalmente, com a Leitura e Ludismo, na perspectiva do entretenimento; Leitura e Experiência/Formação e Leitura e Cidadania.

O aprofundamento da pesquisa e o estímulo àqueles que trabalham no campo da formação da leitura para que escrevam e reflitam sobre suas proposições e práticas podem contribuir para a qualificação do ensino e da promoção da leitura no país, contribuindo para que a ideia de fazer deste país um país de leitores não seja apenas um bom slogan.



ENCARTE NOTÍCIAS 11 | NOVEMBRO 2015

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO
INFANTIL E JUVENIL

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra